



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

REFLORESTAMENTO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TÉCNICAS DE REPLANTIO PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA, APLICADAS NO BAIRRO DE JARDIM NAZARENO - MAGÉ/RJ, BRASIL

Bruno Luiz Laport¹

Resumo: Este estudo propôs o reflorestamento do topo de morro próximo a uma escola municipal na cidade de Magé/RJ, por meio do estudo do meio e do trabalho de campo, tendo como eixo a educação ambiental. Foram realizadas atividades como produção de mapas mentais, composteiras, húmus, biofertilizante, bolas de sementes, gotejadores automáticos, placas informativas, jornal mural, plantio de mudas, grupos de rega, tirinhas e ações culturais interdisciplinares. Os resultados indicaram maior interesse dos estudantes pela investigação, fortalecimento da autonomia e protagonismo juvenil. Além disso, destacaram-se parcerias com as secretarias municipais de Meio Ambiente e Agricultura e o coletivo Não Corte, Plante!

Palavras-chave: Trabalho de campo; Ensino de Geografia; Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

A questão ambiental é um tema central em nossa sociedade contemporânea. O aquecimento global, as ondas de calor, as secas prolongadas, a interferência humana na dinâmica do efeito estufa e no tempo atmosférico, o desmatamento, as queimadas e as mortes associadas às mudanças climáticas são fenômenos vivenciados cotidianamente por inúmeras pessoas. Segundo a Fundação SOS Mata Atlântica (2022), o bioma Mata Atlântica apresentou crescimento no desmatamento entre 2019 e 2022, registrando, neste último ano, a perda de mais de 22.240 hectares de cobertura vegetal. Diante desse cenário alarmante, torna-se urgente que a escola — enquanto instituição formadora de cidadãos — desenvolva projetos de educação ambiental, permitindo ao jovem compreender que sua relação com a natureza está diretamente ligada à sua existência, moldando sua forma de pensar, agir e interagir com o mundo ao longo da vida.

A educação cumpre, assim, o seu papel social quando promove espaços e mecanismos que possibilitem aos jovens atuarem como agentes de transformação do lugar onde vivem, construindo e valorizando sentimentos de identidade e pertencimento. Nesse sentido, o projeto aqui apresentado, buscou em parceria com os estudantes, mitigar alguns dos problemas ambientais enfrentados no entorno escolar, por meio da realização de diversas atividades práticas e interdisciplinares. O trabalho foi realizado nos anos de 2023 e 2024 com estudantes

¹ Mestre pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: 0009-0000-8837-0687. E-mail: brunoluizlaport@gmail.com



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

da Escola Municipal Professor Daniel Soares Silva, localizada em Magé/RJ, no âmbito de uma pesquisa vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Geografia (PROFGEO/UERJ).

A escolha do topo do morro deveu-se ao fato de ser uma área próxima à escola, o que facilitou a realização contínua das atividades de campo. Além disso, apresentava sinais de degradação ambiental, como solo exposto e ausência de cobertura vegetal, tornando-se um espaço adequado para intervenções de reflorestamento. Por se tratar também de um ponto de referência paisagística para a comunidade, sua recuperação reforçou o vínculo dos estudantes com o território e o sentimento de pertencimento.

As visitas ao espaço externo proporcionaram aos alunos a possibilidade de confrontar conceitos e teorias discutidas em sala de aula com a realidade observada. Entre as atividades desenvolvidas destacam-se: reconhecimento do terreno, estudo de viabilidade do projeto, produção de mapas mentais, construção de composteiras, produção de húmus e biofertilizantes, confecção de bolas de sementes e gotejadores, criação de placas informativas, jornal mural, plantio de mudas, organização de grupos de rega, tirinhas e ações culturais interdisciplinares. A educação ambiental constitui-se, portanto, como o principal eixo desse trabalho, desenvolvido a partir das metodologias de estudo do meio e trabalho de campo, com o objetivo de iniciar o processo de reflorestamento do topo do morro situado nas imediações da escola.

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO MEIO E DO TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Para Santos (2006) o espaço geográfico é um conjunto de sistemas de objetos e de ações que não se desassocia, onde sua definição varia em cada momento histórico. Castro (2007) diz que ele é a nossa morada, de forma absoluta e relativa, reflexo da condição social, descrito através de metáfora, rico em simbolismo, campo de luta, experienciado em diversas formas, ou seja, ele é multidimensional. A geografia é a ciência que o estuda, por isso é necessário ir a campo para compreender os processos que nele ocorrem. Para entender esses sistemas de ações e objetos é necessário observar, analisar, experimentar e concluir através



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

das interações entre meio natural e a sociedade. Para tais, o trabalho de campo e o estudo do meio mostram-se excelentes ferramentas nesse processo.

O aluno é um ser geográfico, a geografia coexiste dentro e fora dele. Para isso, Tuan (2013) explica a relação entre o sujeito e o espaço na construção das relações de sentimentos, pertencimento e experiências vividas com o lugar. Indica que conceito de espaço é fundamental do ponto da existência humana, tanto na questão biológica e socioespacial. Segundo Claval (2017) o Trabalho de Campo (TC) é uma importante ferramenta para formação cidadã das crianças e jovens, onde ele leva a conhecer o mundo assim como ele é, e compreender a organização particular de cada espaço. Os conteúdos trabalhados em sala de aula, em muitas vezes são abstratos para os alunos, dificultando a compreensão. Cavalcanti (2011) diz que essa ferramenta é formadora de conhecimento geográfico, e é nele onde as informações são trabalhadas para o entendimento teórico, e onde estas teorias serão testadas.

Lemos (2021) afirma que esse instrumento ultrapassa o limite da academia devido ao seu destaque na Educação Básica (EB). Alves (1997) relata a necessidade do TC como uma ferramenta do geógrafo para a produção de conhecimento e sua importância dentro da história do pensamento geográfico, assim como em todas as épocas e nações durante o desenvolvimento da geografia.

Alentejano e Rocha-Leão (2006) nos informam sobre a importância da ferramenta trabalho de campo dentro do ensino de geografia, onde essa é estratégica para a produção de conhecimento, liberdade e transformação social. Há uma necessidade de associá-lo à teoria e à pesquisa para fazer ciência de fato, distanciando do seu uso simples como um instrumento de dominação ou reprodução do capital.

Serpa (2006) relata a importância do TC afirmando que não deve existir uma separação entre teoria e metodologia, ou seja, entre os conceitos e sua operacionalização em campo. O empirismo puro não deve levar a reflexões teóricas elaboradas sem que haja uma validação dos conceitos para o ensino-aprendizagem da geografia. Em campo, o professor tem a oportunidade de experimentar na prática esse saber do educando. Organizando seu pensamento que algumas vezes pode estar confuso, disperso, despercebido, acrítico, sem saber relacionar com processos espaciais decorrentes. Segundo Gonçalves (2012), o TC é um recuso que permite demonstrar a teoria estuda em aula, onde ela se concretiza diante dos



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

discentes. Nossos alunos possuem um conhecimento espacial apurado do local, onde quase sempre a escola está inserida. Contudo, o TC mais efetivo para a produção de conhecimento é aquele que busca o lugar do cotidiano, relacionando com o que foi estudado em teoria e os saberes prévios dos alunos.

Candiotto (2009) nos diz que as orientações do professor permitem oportunizar ao estudante associar a observação em campo com o que foi estudado em sala de aula. Viveiro e Diniz (2009) relatam sobre a importância do trabalho de campo como um instrumento motivador para os alunos tenha a possibilidade de interação com o ambiente, relacionando-os com conteúdo estudados em sala de aula. Outra potencialidade do TC segundo os autores é a capacidade dessa ferramenta em proporcionar o estreitamento de laços afetivos entre os discentes, docentes, comunidade escolar e sociedade. Nunes e Palha (2014) concluem que a atividade de trabalho de campo possui um grande potencial didático-pedagógico e impacta diretamente no cotidiano da comunidade escolar porque permitem a relação e a interconexão da teoria com a prática, além de promover o maior convívio e o estreitamento das relações interpessoais.

O TC tem que ser planejado pelo professor de geografia ou pelos demais colegas profissionais que junto a ele trabalharão interdisciplinarmente. Para Pontuschka et al (2009) estudar um tema interdisciplinarmente necessita partir de uma temática da realidade local e levá-la para o interior da escola, os problemas e as possibilidades à luz das disciplinas escolares. Existe uma necessidade de visita prévia do docente/docentes para se estabelecer os pontos de parada e os fenômenos experimentados. Pereira e Souza (2017) orientam que para uma melhor formulação de um trabalho de campo, o professor deve buscar temas em que os alunos têm dificuldade de assimilar, em seguida, o docente faz uma visita prévia ao campo (pré-campo), levantando a viabilidade pedagógica e financeira do trabalho, para depois definir os objetivos e metodologia que deve abordar, deixando claro à direção/coordenação para que esses avisem aos responsáveis. Randaelli (2005) relata junto aos outros autores supracitados a importância desta ferramenta para consolidação entre teoria e prática, destacando que o TC é uma prática pedagógica que permite a leitura do meio que se pretende desvendar, auxiliando na relação do conhecimento sistematizado com a experiência didática que auxilia no entendimento da realidade. O trabalho de campo permite explorar o conceito de



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

lugar, categoria tão importante na Geografia Humanística, Tuan (1982, apud Cavalcanti, 2011) diz que: “A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (182, p. 143), assim como Cavalcanti (2011) o define sendo o espaço que se torna familiar ao indivíduo, espaço da vivência, do experienciado.

O Estudo do Meio, outra ferramenta pedagógica importante para o ensino e aprendizagem da geografia a qual alinha teoria e prática, apropria-se das fases pré-campo, trabalho de campo e pós-campo para executá-lo. Voltando em Pontuschka et al (2009) diz que uma das etapas importantes do estudo do meio é o trabalho de campo. Informa que ao sair da escola, um novo olhar é criado. O aluno pode ser orientado a utilizar todos os seus sentidos para conhecer melhor o meio, usar a observação, registros e as falas de diferentes pessoas. No item "Metodologia", é necessário descrever de forma clara e objetiva os procedimentos adotados para a realização do trabalho. Este item deve informar se o estudo é fruto de uma pesquisa bibliográfica, pesquisa empírica ou resultado de um projeto de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, é importante especificar a área de conhecimento em que o texto está inserido, contextualizando o campo de atuação do estudo.

METODOLOGIA

1. Atividades pré-trabalho de campo, trabalho de campo e pós-campo

O trabalho passou a ser elaborado em abril de 2023, definindo três visitas, uma a priori para reconhecimento, a segunda para definir os pontos de análise e a terceira para demarcação da área de intervenção. Contamos com o auxílio técnico e parceria da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Magé que nos possibilitou a verificação de possibilidade de sucesso de reflorestamento, a demarcação da área de plantio, as técnicas de recuperação, a melhor época do ano, a garantia de continuidade do projeto, além de uma segunda visita para plantar as mudas com os alunos.

Diversas atividades foram realizadas com os alunos conforme demonstra o quadro 1:



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Quadro 1: Atividades desenvolvidas

A) Produção de mapas mentais e Oficina de desenho;	F) Trabalhos de campo;
B) Reconhecimento da área de intervenção e Demarcação da área de recuperação;	G) Preparação da área plantio, Plantio de mudas e Lançamento das bolas de sementes;
C) Construção de composteiras;	H) Jornal mural e Gotejador automático;
D) Armazenamento de alimentos na composteira;	I) Grupo de rega e Atividades culturais interdisciplinares;
E) Visitação ao CEPAM;	J) Produção de fotolivro.

Fonte: o autor.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1. Produção de mapas mentais

Os mapas mentais são fundamentais para as pessoas se orientarem espacialmente e importantes instrumentos no estudo da geografia. Essa tarefa de produção dos croquis ficou a cargo do professor de Educação Artística, conforme pode ser observado na figura 1:

IMAGEM 1 - CROQUI ELABORADO POR ALUNO



Fonte: cedida ao autor em 2023.

2.2. Reconhecimento da área de intervenção

Foi firmada uma parceria com o pessoal da secretaria que nos auxiliou no projeto garantindo o aparato técnico. O sucesso da empreitada como o plantio de mudas, o tipo de espécie cultivada, a melhor época do ano, a preparação do terreno etc., necessitavam do apoio conhecimento técnico compartilhado por esses profissionais. No trabalho de reconhecimento da encosta, verificou-se a viabilidade de aplicação de um trabalho de campo.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

2.3. Demarcação da área de recuperação

A área demarcada foi de 512m² (25X18m) no topo do morro. A medição foi realizada no mês de junho de 2023 pelo engenheiro florestal e o estagiário da Secretaria de Meio Ambiente de Magé. Verificou-se a necessidade de plantio em curva de nível em algumas áreas, preparo do terreno com capina, nivelamento e a criação de uma área de acero no perímetro. A Imagem – 2 demonstra a atividade realizada:

IMAGEM 2 – DEMARCAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO



Fonte: o autor, 2023.

2.4. Oficina de desenho e construção de composteira

As vivências dos educandos, seus conhecimentos, experiências cotidianas com o lugar e a paisagem de seu bairro devem ser consideradas para o ensino da geografia. O desenho é uma tarefa lúdica e contribuiu para o desenvolvimento do trabalho. A construção de composteira trata-se de uma tarefa prática e reciclável. A turma foi dividida e foi pedido que cada grupo trouxesse duas garrafas PET e uma tesoura. Para realizar a construção da composteira cortar-se uma garrafa na base, para que o fundo sirva de tampa. O resto do corpo da garrafa vai ser o reservatório dos alimentos que irão decompôr-se. E a outra garrafa é cortada ao meio, onde este será base e reservatório de chorume. Nas imagens 3 e 4, pode-se verificar a montagem das composteiras:



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

IMAGEM 3 – CONSTRUINDO UMA COMPOSTEIRA



Fonte: o autor, 2024.

IMAGEM 4 – COMPOSTEIRA FINALIZADA



Fonte: o autor, 2024.

2.5. Seleção e armazenamento dos alimentos na composteira

Os restos de alimentos foram separados pelo pessoal da cozinha, sendo selecionados alguns alimentos mais apropriados para se decompor com mais facilidade como: restos de frutas e verduras, casca de legumes, casca de ovo e borra de café. Foi explicado aos alunos que quanto mais triturados estivessem os alimentos, melhor seria o processo. Os alunos trituraram e alimentaram as composteiras. Na base foi colocada uma camada de serragem, mas poderia ser folha seca triturada. Em seguida foi colocado o material triturado e por cima e uma segunda camada de serragem deposita para se evitar a atração de insetos. Verifica-se na Imagem 5:



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

IMAGEM 5 - SELEÇÃO E ARMAZENAMENTO DE ALIMENTOS NA COMPOSTEIRA



Fonte: o autor, 2024.

2.6. Oficina de bolas de sementes

A bola de semente é uma técnica indicada para atividades educativas de reflorestamento. O Cepam cedeu sementes de aroeira e o mineral vermiculita. O material utilizado foi vermiculita, húmus, argila e as sementes. As proporções são quatro partes de terra/vermiculita para uma parte de argila e uma parte de húmus. As bolas foram lançadas no dia da realização do trabalho de campo, conforme as imagens 6 e 7:

IMAGEM 6 – MISTURA



Fonte: o autor, 2024.

IMAGEM 7 – BOLAS DE SEMENTES



Fonte: o autor, 2024.

2.7. Visitação ao Centro de Produção e Propagação de Mudanças e Sementes Melhoradas (CEPAM)

O CEPAM recebe escolas do município com o objetivo de realizar uma visita guiada às suas dependências para propagar o conhecimento sobre agricultura, produção de alimentos, preparação de mudas e sementes melhoradas. A atividade desenvolveu-se em seis paradas. Os



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

seis pontos de parada foram: Sede, Estufa, Horta, Trator e Arado, Laboratório de Abelhas Nativas e Mata Ciliar. A imagem 8 mostra a atividade:

IMAGEM 8 - VISITAÇÃO AO CEPAM (ESTUFA)



Fonte: o autor, 2024.

2.8. Produção de biofertilizante e preparação da área de plantio

A atividade consistiu em produzir biofertilizante a partir do chorume que foi resultado da decomposição do material das composteiras. Adiciona dez partes de água para uma de chorume. Aplica-se 100 ml na planta uma vez por semana. Essa etapa consistiu em capina da área de plantio. O Cepam disponibilizou roçadeira. Os demais materiais como enxada, escavadeira, picareta e ancinho são ferramentas da escola.

2.9. Plantio de mudas, aula de campo e lançamento das bolas de sementes

A atividade consistiu em realizar o plantio das primeiras mudas e das bolas de sementes. Pontos de inflexão, problematização e aplicação de questionário também foram realizados neste dia, conforme imagem 9 e 10:

IMAGEM 9 – PLANTIO DE MUDAS



Fonte: o autor, 2023.

IMAGEM 10 – SUBIDA DA ENCOSTA



Fonte: o autor, 2023.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

2.10. Jornal mural e Gotejador automático

Atividade realizada pelo professor de língua portuguesa em 2023. Os alunos produziram um texto noticiando sobre o trabalho de campo e plantio. Essa atividade foi realizada entre os dias 14 e 18/08/2023. No TC verificou-se a necessidade construir um sistema de rega permanente para as mudas plantadas. Consistiu em construir gotejadores de garrafas PET, haste de cotonete, palito dental, prego, estilete e supercola.

2.11. Grupo de rega

A formação do grupo de rega foi fundamental para a sobrevivência das mudas. Os responsáveis dos alunos interessados em participar desta atividade autorizaram a ida todas às sextas-feiras.

2.12. Atividades culturais interdisciplinares

A atividade buscou trabalhar interdisciplinarmente para o enriquecimento pedagógico do projeto. A própria área de plantio pode ser um excelente espaço para a realização de diversas atividades, conforme imagem 11:

IMAGEM 11 – ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES



Fonte: o autor, 2024.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

2.13. Produção de fotolivro

O recurso educacional fotolivro é uma síntese de todo o processo de pesquisa desenvolvido para servir material de auxílio aos professores e pessoas que queiram trabalhar com o tema meio ambiente, reflorestamento e ensino de geografia. Sua edição foi iniciada em fase final de aplicação das últimas atividades. O material é resultado de um grande acervo fotográfico desenvolvido ao longo desta pesquisa, conforme demonstra a imagem 12:

IMAGEM 12 - FOTOLIVRO



Fonte: o autor, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o ensino de geografia pode ser realizado através de atividades práticas e lúdicas que são pouco exploradas em ambiente escolar. O trabalho de campo e o estudo do meio também são excelentes ferramentas de ensino, pesquisa e produção de conhecimento. Consideramos que a educação ambiental, principal objetivo desse estudo, foi alcançado na medida em que encontrávamos alunos participativos em atividades e comprometidos como o grupo de rega.

O trabalho de campo configurou-se como uma ferramenta didática de grande relevância, possibilitando aos estudantes vivenciar de forma concreta os conteúdos trabalhados em sala de aula. Para além do caráter investigativo, essa prática promoveu a reflexão crítica sobre a realidade local, estimulando a consciência ambiental e fortalecendo o



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

sentimento de pertencimento. Assim, o contato direto com o território contribuiu não apenas para a compreensão dos fenômenos geográficos, mas também para o exercício da cidadania e o cuidado com o lugar de vivência, reforçando a responsabilidade coletiva na transformação do espaço vivido.

A segunda fase desse projeto consiste em manter e fortalecer parcerias para preparação do solo do topo do morro, reaplicação das atividades em diversas turmas, plantio de mudas e formação de grupo de manutenção da área. Essa pesquisa também visa sugerir aos professores e demais interessados através do livro, atividades pedagógicas e técnicas para se trabalhar as temáticas da educação ambiental, de reflorestamento, de trabalho de campo e de estudo do meio.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo; ROCHA-LEÃO, Otávio. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? Boletim Paulista de Geografia, nº84, p.64, São Paulo JUL. 2006. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletimpaulista/article/view/727>. Acesso em: 18 jun. 2024.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. Nota de Pesquisa de Campo. Trabalho de campo uma ferramenta para o geógrafo. Revista Geosp, n.2 p.85, São Paulo, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123246>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CACETE, Núria Hanglei; PAGANELLI, Tomoko Iyda; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Para ensinar e aprender geografia. 3ªed. – São Paulo: Cortez, 2009 – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental), 383p.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. Interdisciplinaridade em estudos do meio e trabalho de campo: uma prática possível. Revista Olhares & Trilhas, [S. l.], v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharestrilhas/article/view/3525>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia: Conceitos e Temas. 10ªed. – Rio de Janeiro, Bertrand, 2007. 352p.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em geografia. Geografia Ensino & Pesquisa, v.15, n.2, maio/ago, p.165-176, Teresina, 2011. Disponível: <https://doi.org/10.5902/223649947371>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

curiosidade às do desejo. Revista Franco-brasileira de geografia, Open Edition Journales, n.17, 2013. Revista online. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/confins/12414#tocfrom2n1>. Acesso em: 10 jul. 2024.

GONÇALVEZ, Tiago Estevam. Experiências e vivências no trabalho de campo como ferramenta de ensino-aprendizagem em geografia regional. ACTA Geográfica, Boa Vista, v.6, n.11, jan./abr., pp.153-160, 2012. Artigo online. Disponível em:
file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/_admin,+10_GON%C3%87ALVES.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

LEMONS, Linovaldo Miranda. O trabalho de campo como experiência educativa em geografia. Artigo: GEOgraphia, vol: 23, n.50, Niterói, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i50.a41079>. Acesso em: 18 abr. 2024.

NUNES, Malena Silva; PALHA, Felipe Pimentel. O trabalho de campo como prática interdisciplinar—estudo de caso para as disciplinas de Conservação dos Solos e Geografia e Análise Ambiental do curso técnico em Meio Ambiente (CEFET-MG). Revista Educação e Tecnologia, Belo Horizonte: v.19, n. 3, p. 9-20, set./dez. 2014. Disponível em:
<https://www.ufmg.br/estacaoecologica/wp-content/uploads/2020/11/2014-NUNES-MalenaSilva.-PALHA-Felipe-Pimentel-trabalho-de-campo.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PEREIRA, Rodrigo Magalhães; SOUZA, José Carlos de. Uma reflexão acerca da importância do trabalho de campo e sua aplicabilidade no ensino de geografia. Artigo online, p.9, 2017. Disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/uma_reflexao_acerca_da_importancia_do_trabalho_de_campo.pdf. Acesso em: 17 jun. 2023.

RANDAELLI. Ana Maria da Silva. Trabalho de campo: prática andante de fazer geografia. Revista GeoUerj, n.11, ano 2022. p.2. Disponível em:
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/trabalho-de-campo-pratica-andante-de>

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4º ed. 2º reimpr. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 226, 2006. Livro online. Disponível em:
<https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wp-content/uploads/sites/1073/2022/08/Anatureza-do-Espaco.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. Boletim Paulista de Geografia, nº84, p.10, São Paulo JUL.2006. Disponível em:
<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/725>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SOS Mata Atlântica. Desmatamento na Mata Atlântica cresce 66% em um ano. Disponível em: www.sosma.org.br/noticias/desmatamento-na-mata-atlantica-cresce-66-em-um-ano/. Acesso em: 02 jul. 2024.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Londrina, PR: Eduel, p.76, 2013, 229 p.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Atividades de campo no ensino das Ciências e na

Educação Ambiental: refletindo sobre as potencialidades dessa estratégia na prática escolar.

Ciência em tela, São Paulo, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em:

<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf>. Acesso: 11 jun. 2024.